



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

Revista indexada em:

NACIONAL

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B4**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**C**), Multidisciplinar: Ensino (**B2**) -

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>

DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>

IRESE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 19 (jul. - dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Artigo recebido em 31/ago./2015. Aceito para publicação em 10/out./2015. Publicado em 20/dez./2015.

Como citar o artigo:

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdecí dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 19 (jul. – dez. 2015), 20 dez. 2015, p. 119-137. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

**A FEIRA DA CIDADE DE ALAGOINHAS - BAHIA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO
PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LAZER**
**THE STRET MARKET OF THE CITY OF ALAGOINHAS – BAHIA AND THE
CHALLENGES POSED BY TRAINING FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION AND
LEISURE**

Mônica Benfica Marinho

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia 
Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB 
Grupo de Pesquisa Lazer, Esporte, Mídia e Meio Ambiente - UNEB 
E-mail: monica.benfica@uol.com.br

120

Luiz Carlos Rocha

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia 
Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB 
Grupo de Pesquisa Lazer, Esporte, Mídia e Meio Ambiente - UNEB 
E-mail: luizrocha.ba@terra.com.br

RESUMO

O presente estudo trata das condições ambientais da feira da cidade de Alagoinhas - Bahia. O seu objetivo é acolher as condições ambientais e de lazer diagnosticadas como referência para diretrizes orientadoras de programas de educação ambiental. Evidencia a feira da cidade como um importante espaço econômico, histórico, e um rico espaço cultural, ao mesmo tempo que destaca sua precária condição ambiental. Parte do pressuposto de que práticas associadas à educação ambiental podem conformar o espaço com maior poder de vinculação de diferentes atores sociais. O estudo apresenta dois momentos. O primeiro, que é a fase descritiva da feira, dos seus recursos materiais e humanos. Faz o registro de sua morfologia verificando como o espaço é ocupado e a lógica que rege tal ocupação. Tem como recurso metodológico o relato de observação, além da pesquisa documental. Um segundo momento expõe o resultado de uma pesquisa amostral com feirantes cujo objetivo é levantar o perfil do grupo, e dar conta de seu comportamento/atitude em relação às condições ambientais e de lazer. Tal resultado indica que a maioria dos feirantes têm consciência de que na feira predominam condições ambientais e de lazer precárias, causando incômodo tanto à vendedores como aos seus fregueses. Essas condições são caracterizadas pelo excesso de sujeira, de barulho, e aglomeração. Os resultados também apontam para uma disposição de grande parte dos feirantes na criação e manutenção de um espaço ambientalmente mais saudável, reconhecendo eles próprios, e a administração da feira, como agentes desse processo. Palavras-chave: Meio ambiente. Lazer. Educação. Feira. Alagoinhas.



ABSTRACT

This study deals with the environmental conditions found in the street market located in the city of Alagoinhas - Bahia. The goal is to understand the environmental conditions and leisure opportunities diagnosed as being a local reference and use them as guidelines for environmental education programs. This street market is the evidence of an important economic, historical and a culturally rich space, which is intertwined with the whole economic and market relationship that has been established there, while, at the same time, it highlights the precariousness of the prevailing environmental conditions. The assumption used in this study is that practices associated to environmental education could shape the space, thus enabling the establishment of a more significant connection among different social players. The study is divided into two different moments. The first consists of a description of the street market and its material and human resources. It records the morphology, determines how the space is occupied and the logic behind this occupation. The methodological resources employed are an observation report and research into the documentation pertaining to the market. A second moment in the study shows the result of a survey with a sample of stallholders. The goal is to determine the profile of this group of people and learn about their behavior/attitude with regards to prevailing environmental conditions and leisure opportunities. The result of this investigation indicates that most of the stallholders are aware that environmental conditions and leisure opportunities are precarious, and that the situation is uncomfortable for them, as well as for their clients. These market conditions are characterized by an excessive amount of dirt, and by a noisy and crowded environment. Results also point to the willingness on the part of the majority of the stallholders to create and maintain a healthier environment, by acknowledging that they, along with market administrators, are agents in this process.

Key-words: Environment. Leisure. Education. Street Market. Alagoinhas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge como desdobramento de um projeto intitulado “Educação, Lazer e Meio Ambiente: diagnóstico, interfaces e perspectivas das políticas públicas em Alagoinhas – BA” vinculado ao Programa de Fortalecimento dos Grupos de Pesquisa, Atração, Interiorização e Fixação de Pesquisadores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – PROFORTE, entre os anos de 2008 e 2010. Toma-se como base a linha de investigação da referida pesquisa que problematizou as políticas públicas de educação, lazer e meio ambiente na cidade citada.

Neste estudo, que se desenvolve entre os anos de 2012 a 2014, delimita-se como campo de investigação a feira da cidade de Alagoinhas, um importante espaço de sociabilidade do município, buscando analisar suas condições ambientais e de lazer. Por que a feira? O primeiro argumento

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

está relacionado ao fato de que a feira, mercado elementar, que, segundo Braudel (2009), prefigurava como uma das engrenagens das cidades do ocidente, desde o século XV, e persiste até os dias atuais.

Frequentada em dias fixos, a feira é um burburinho na vida social. Nas palavras de Braudel (2009), nela, as pessoas se encontram, conversam, insultam-se, passam das ameaças às vias de fato. É por onde circulam as novidades políticas e outras. De acordo com este autor, a sabedoria dos provérbios comprova que a feira e o mercado se situam no centro de uma via de relações, por exemplo: ‘Tudo se vende na feira, menos a virtude e a honra’. ‘Quem compra o peixe no mar (antes de ser pescado) arrisca-se a ficar só com o cheiro’ (BRAUDEL, 2009, p.16).

A feira chama atenção pela persistência como comércio tradicional, e sua importância por se constituir em uma alternativa profissional para homens e mulheres que não têm recursos necessários para estabelecer um comércio nos moldes “modernos”. Além disso, como salienta Mott (2000, p. 34),

[...] as feiras permitem o escoamento de gêneros agrícolas (geralmente hortaliças) produzidos por pequenos sítiantes do cinturão verde das cidades e capitais, além dos produtos vendidos por pequenos extrativistas, de frutas silvestres, crustáceos, artesanato, bens que dificilmente chegam às redes atacadistas dos supermercados.

A cidade de Alagoinha foi fundada em 1852 e está situada a 120 km da cidade de Salvador. De acordo com o censo 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem uma população estimada em 153.560 mil habitantes. É um polo de comércio-industrial, e referência em saúde e educação na sua microrregião e no Litoral Norte e Agreste Baiano.

A feira acompanha a cidade desde seu início como um povoado que surgiu ao redor de uma igreja ainda no final século XVIII, em um local conhecido hoje como Alagoinhas Velha. Com a construção da estrada de Ferro Bahia - São Francisco, em 1863, o núcleo da cidade foi transferido para os arredores da estação ferroviária, acompanhado pelo comércio (RAMOS, 2006). Há dois séculos vem acompanhando o ritmo de transformações da cidade, ocupando diferentes espaços e ganhando diferentes denominações. A feira é hoje considerada uma das mais importantes atividades econômicas da cidade.

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Em segundo lugar, a motivação para uma análise das condições ambientais da feira da cidade de Alagoinhas surge a partir da observação da rotina do espaço onde se identifica uma precária condição ambiental, e, por considerarmos que a educação ambiental seja um elemento fundamental no processo de reestruturação e fortalecimento desse espaço. Pode ser pensada como componente essencial no processo de formação e educação permanente, com uma abordagem direcionada para a resolução de problemas, contribuindo para o envolvimento dos sujeitos. Segundo Tozoni-Reis (2007), a educação ambiental visa a formação de indivíduos responsáveis com o ambiente. Diz respeito ao vínculo histórico entre o homem e o ambiente, priorizando a participação política dos sujeitos na construção de uma sociedade sustentável.

O outro elemento importante a ser considerado em relação ao espaço da feira livre da cidade de Alagoinhas diz respeito à sua ocupação caracterizada como espaço de lazer.

No âmbito do lazer, Mascarenhas (2005) afirma que este se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre o capital e o trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia. Conforme Marcellino

[...] o lazer é um veículo privilegiado de educação [...] para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um *duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação*. (MARCELLINO, 2003, p.58-59. Grifo do autor).

Se o lazer carrega essas significações apontadas pelos autores, a prática do lazer na feira de Alagoinhas não deixa de nos convocar a observar e problematizar esse espaço como campo de lazer: como os sujeitos se apropriam desse campo? Que práticas são desenvolvidas? Que práticas podem ser propostas visando à valorização da feira na condição de espaço de lazer.

As respostas aos questionamentos sobre as condições ambientais, e de lazer da feira de Alagoinhas serão orientadas pelos seguintes objetivos: diagnosticar as condições do espaço físico utilizado para vendas e lazer na feira de Alagoinhas, e disponibilizar o resultado do diagnóstico para que sirvam de diretrizes orientadoras de práticas de educação ambiental e de lazer desenvolvidas no local.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

SOBRE A FEIRA DA CIDADE DE ALAGOINHAS

A feira de Alagoinhas - BA, denominada atualmente Central de Abastecimento Júdelio Carmo¹ está localizada no centro da cidade, próxima à linha férrea e margeada pelas ruas Severino Vieira, Senador Lourival Batista, Dr. Carlos Azevedo e Rua Dois de Julho. Foi criada com capacidade para cinco mil feirantes. O projeto da Central de Abastecimento foi resultado de uma parceria entre o Banco do Nordeste do Brasil e a Prefeitura Municipal de Alagoinhas, teve início no governo do prefeito Judélio de Souza Carmo (1973-77) e foi concluída no segundo mandato do referido prefeito. A central foi inaugurada na gestão de Francisco Reis, em 21 de abril de 1990. (PREFEITURA DE ALAGOINHAS, 1996, p.8)

De acordo com os poucos registros históricos, a construção da Central de Abastecimento foi uma tentativa de urbanização adequada para conter uma expansão desordenada, e de criação de condições de higiene que suplantassem as condições precárias até então dominantes. De acordo com o projeto inicial, a área possuiria um estacionamento, parque infantil e um espaço para o funcionamento de um supermercado. Tal projeto, no entanto, não conseguiu se efetivar:

As coisas não funcionaram como previsto. O espaço infantil ainda hoje não existe, no estacionamento os carros se misturam com barracas e lonas colocadas no chão com mercadorias, várias lojas e supermercados de pequeno e médio porte foram construídos ao redor da central de abastecimento (FOLHA DA TERRA, 1984, p2).

A feira é constituída de um grande galpão onde são comercializados vários tipos de alimentos. A ocupação do espaço pode ser assim descrita: na parte interna, em uma das margens do galpão, há o comércio de frutas e verduras, expostas em bancas precárias, feitas de madeira

¹ Apesar da denominação será mantida a nomeação “feira” ao longo do texto.

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

tosca e pobre, cobertas de lona. Esses alimentos são comercializados de forma predominante por mulheres. Em outra margem, há as construções ou boxes ²onde funcionam salão de beleza, comércio de produtos de beleza, comércio de embalagens, armazéns, bares/restaurantes. Dividindo o galpão, no centro, encontram-se os boxes onde são vendidos vários tipos de carnes. O produto é comercializado tanto por homens como por mulheres.

De um lado desses boxes, tem a venda do camarão seco, produtos mandioca, as plantas medicinais e temperos, além das mudas de plantas, flores. Do outro lado encontra-se em abundância produtos secos como a farinha e feijão, que são expostos em grandes sacas; e novamente as plantas medicinais e os temperos. Na parte externa do galpão, há um pequeno espaço da feira destinado à “feira do caçuá”, um comércio de pequenos produtores que trazem produtos de suas roças.

Os alimentos mais comercializados são: as hortaliças banana; macaxeira; batata doce e os diversos produtos da mandioca, como o beiju, goma, bolo de aipim, bolo de carimã, biscoito de goma. Estes feirantes são dispensados de pagar a taxa de permissionário. Ainda na parte externa, há o comércio de artesanato, utensílios de metais, bicicletas, roupas, bolsas, calçados.

Existe também um espaço destinado ao estacionamento que deu lugar a uma variedade de barracas de madeira que foram instaladas de forma desordenada. É um comércio “mais pesado” onde os vendedores (as) encarregam-se de um grande volume, quase sempre de um único produto. Por exemplo: o (a) vendedor(a) de melancia, o (a) vendedor (a) de manga, o (a) vendedor (a) de laranja, o (a) vendedor (a) de banana, e assim por diante.

Muito próximo do espaço anteriormente referido, está localizada a administração que tem em uma de suas laterais um corredor de boxes onde funcionam bares e restaurantes, reconhecidos como pontos de prostituição. Ainda nessa mesma parte externa da feira tem-se o comércio de aves e suínos, e os galpões de atacados (produtos industrializados) Nas pequenas bancas de frutas localizadas tanto na parte interior quanto na parte exterior do galpão, sempre pode-se encontrar as frutas “de época” que são trazidas de pequenos sítios como a jaca, o caju, o abacate, a tangerina, a mixirica, a “laranja de umbigo”, a mangaba, o jenipapo, a acerola, o limão.

Chama a atenção, além da diversidade de produtos, a limpeza precária, a má conservação dos alimentos e os ruídos fortes que tomam conta do local. Os espaços de circulação, mesmo

² Denominação dada a construção de alvenaria que ocupa vários espaços da feira e convive com as barracas de lona, e com os cestos e lonas espalhadas pelo chão.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

depois de varridos, recebem uma grande quantidade de lixo orgânico: cascas de feijão, palha de bananeira, frutas estragadas que, acumuladas e apodrecidas, causam um odor desagradável. Quando chove, este lixo se acumula nos bueiros e impedem a passagem da água gerando transtornos e prejuízos.

No setor de carnes, os produtos são expostos em cima de balcões cobertos por um papelão sem refrigeração e, na maioria das vezes, em contato com as moscas que não raro estão presentes no ambiente. Na área de venda dos calçados, bolsas e roupas, não há espaço suficiente. As barracas ficam aglomeradas. Essa condição gera um espaço abafado e permite pouca mobilidade. As barracas estão dispostas tão próximas umas às outras que é praticamente impossível distinguir se há uma ou duas barracas de um mesmo vendedor.

Segundo o Regimento Interno da Central de Abastecimento (2007), a feira é dividida entre setores a partir do tipo de produto que cada vendedor comercializa. De acordo com dados da administração, em cada setor, estão registradas quantidades de boxes e/ou barracas em um total de 1181 estabelecimentos.

Além dos “setores”, há uma grande quantidade de feirantes que não são permissionários, e vendem seus produtos em cestos e lonas que se espalham pelo chão nos mais diferentes espaços da feira, entre uma barraca e outra, ou nos espaços de trânsito. Nestes locais são geralmente comercializadas as hortaliças e o “feijão de corda”, e mesmo pequenas quantidades de frutas. Produtos oriundos de pequenas roças. Essa ocupação acontece de forma predominante no sábado, o “dia de feira” da cidade. Como se trata de uma população flutuante, optou-se pela investigação da população dos permissionários que têm uma presença mais constante na feira. Existe, então, um espaço de comércio dos mais variados produtos que acontece de forma fixa de segunda a sábado na denominada Central de Abastecimento, e um comércio que se agrega a esta central de forma mais tênue na sexta-feira, e de forma intensiva no sábado, que são os cestos e lonas espalhados pelo chão, conforme explicado anteriormente. A feira do caçua funciona só aos sábados.

Sujeira, barulho excessivo, espaços com alta aglomeração e sem ventilação, exposição e manipulação inadequada de alimentos compõem o quadro ambiental da feira. Apesar dos problemas, a feira de Alagoinhas tem uma reconhecida importância econômica e histórico-cultural, podendo ser considerada um espaço de destaque na cidade, para o qual convergem diferentes formas de sociabilidade.



MATERIAIS E MÉTODOS

Entre janeiro e agosto de 2013, foi realizado um levantamento amostral³ com uma população composta pelos feirantes dos 1181 estabelecimentos da Central de Abastecimento Judélio Carmo (CEAB), a feira de Alagoinhas. O objetivo foi esboçar um perfil do grupo e dar conta de seu comportamento/atitude em relação às condições ambientais e de lazer.

Como realizar a presente pesquisa através de uma metodologia de Censo (investigar todos os indivíduos da população) seria um processo demorado e caro, visto que a população alvo é composta por uma quantidade razoável de indivíduos (estabelecimentos) a serem investigados, a pesquisa foi realizada através de um processo de amostragem, que consiste em investigar uma parte da população, chamada aqui de amostra, e utilizar as informações dessa amostra para inferir (tirar conclusões) sobre a população.

Como a população de estudo é bastante heterogênea, ela foi dividida em subgrupos (estratos) de acordo com os setores da central de abastecimento, formando grupos mais homogêneos, e foi selecionada uma amostra aleatória em cada estrato. Esse desenho amostral é chamado de Amostragem Estratificada. Esse específico desenho de estudo, tem como principal finalidade reduzir a variabilidade total dos estimadores, visto que temos variabilidade reduzida em cada estrato devido à homogeneidade desses estratos.

Levando em consideração essas características, o tamanho da amostra foi de número de estabelecimentos divididos entre os setores da feira, proporcionalmente à representatividade desses setores no total de estabelecimentos, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 - Estabelecimentos dos setores da feira de Alagoinhas e amostra

Setor	Quantidade	Amostra
Alumínio	13	2
Artesanato	15	3
Aves e Suínos	12	2
Beiju	69	13
Bijuteria/Bolsa/Relógios	33	6
Camarão	58	11
Carnes	70	13

³ O levantamento amostral contou com a consultoria do estatístico Jonatas Silva do Espírito Santo (CONRE 9615) MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Calçados	37	7
Cereais/Farinha	190	36
Confecções	302	57
Boxes (Restaurantes, Bares, Lanchonetes, Bombonieres, Embalagens, Mercadinhos, cabeleireiro, Barbeiros, Serviços em geral).	180	34
Diversos (Tempero, sabão, biscoitos e etc.)	130	24
Ervas	12	2
Feira do caçú	60	11
Total	1181	221

Fonte: Pesquisa de campo (Responderam ao questionário os feirantes correspondentes à amostra dos estabelecimentos).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos feirantes, 61,% é do sexo feminino. Em relação à idade, a maior frequência está na faixa de 31-40 anos como mostra a tabela:

Tabela 1 - Idade dos feirantes

Idade	Frequência	%
Menos de 18 anos	13	5,9
18 a 24 anos	28	12,7
25 a 30 anos	42	19,0
31 a 40 anos	55	24,9
41 a 50 anos	35	15,8
51 a 60 anos	35	15,8
Acima de 60 anos	12	5,4
NQR	1	0,5
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

A tabela a seguir mostra como uma parcela expressiva de feirantes têm vínculos com a feira de Alagoinhas há mais de dez anos. Alguns estão ali há mais de trinta anos.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Tabela 2- Tempo em que comercializa na feira de Alagoinhas

Anos	Frequência	%
< de 1 anos	18	8,1
1 a 3 anos	31	14,0
4 a 7 anos	51	23,1
8 a 11 anos	36	16,3
12 a 15 anos	35	15,8
16 a 20 anos	24	10,9
21 a 25 anos	6	2,7
25 a 30 anos	12	5,4
> de 30 anos	8	3,6
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Perguntado se tem outra ocupação, 84% dos feirantes responderam que não.

Em relação à avaliação que fazem da ocupação, 49% consideram a feira uma boa ocupação. Já 36% avaliam como péssima, enquanto 8,2% uma ocupação ruim, e 6.8% uma ótima ocupação. Mesmo considerando a avaliação positiva da ocupação, só 10% dos feirantes gostariam que seu filho (a) tivesse essa mesma ocupação.

Em relação às condições ambientais da feira, 89,6% dos feirantes consideram que a sujeira da feira incomoda os fregueses. Questionados se veem lixeiras na feira, 38,5% responderam que sim. Quando perguntamos onde costumam jogar o lixo produzido nas barracas, obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 3 - Onde costuma jogar o lixo

Local	Frequência	%
Chão	20	9,0
Lixeira	196	88,7
Qualquer lugar	5	2,3
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Na percepção dos feirantes, a presença de lixeiras na feira é precária, no entanto, ela aparece como o principal destino do lixo, como apresentado na tabela acima. A ambiguidade poder MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

ser reforçada devido ao fato de que nossas observações de campo apontam para essa precária existência de lixeiras, também o fato de que, de acordo com informações da associação dos feirantes e da administração da feira, o uso de lixeiras encontra uma barreira por parte dos feirantes e seria necessária uma mudança comportamental dos feirantes para que se instituísse o uso efetivo das lixeiras.

O conceito de percepção ambiental, trazido por Fernandes (2004) pode ajudar a compreender o posicionamento dos sujeitos frente as condições ambientais. De acordo com o autor, cada indivíduo percebe, reage, e responde de forma diferenciada as ações sobre o meio ambiente em que vive. Esta resposta vai estar relacionada à percepção de valores, e a importância dos mesmos entre, por exemplo, grupos que desempenham diferentes funções em um ambiente. Essa percepção é, portanto, um elemento que deve ser considerado na busca de mudanças comportamentais em relação às condições ambientais.

Ainda questionados sobre o destino do lixo os feirantes insistem que as lixeiras são os locais privilegiados para o seu descarte, como podemos ver representado na tabela a seguir:

Tabela 4 - Destino do lixo gerado no local de venda

Destino do lixo	Frequência	%
Deixo no Chão para o pessoal da limpeza	25	11,3
Jogo em depósito de lixo	38	17,2
Minha barraca não produz lixo	1	0,5
Varro e deixo de canto	27	12,2
Varro e recolho em uma lixeira	128	57,9
Outro	1	0,5
NQR	1	0,5
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Importante também notar que, como exposto na tabela abaixo, uma parte considerável dos feirantes toma para si a responsabilidade da limpeza da feira:



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Tabela 5 - Ações que podem melhorar a limpeza da feira

Ações	Frequência	%
Os garis varrerem mais vezes	111	50,2
O feirante manter sua área limpa	152	68,8
A empresa fazer uma limpeza melhor	68	30,8
Aumentar a quantidade de garis	84	38,0
Aumentar a quantidade de lixeiras	20	9,0

Fonte: Pesquisa de campo

Um dado que chama atenção, na tabela a seguir, é a percepção de uma ausência de trabalhos de informação em relação às condições ambientais da feira. Também uma sensibilização com relação à limpeza do espaço, pois o destino do lixo e a limpeza do local são itens que apareceram como de interesse dos feirantes.

Tabela 6 - Informação sobre condições ambientais da feira

Tipos de informação	Frequência	%
Nunca recebi informações	186	84,2
Cuidados com os alimentos	22	10,0
Destino do lixo	24	10,9
Limpeza do local	20	9,0
Sobre como pegar nos alimentos	16	7,2
O que fazer com os alimentos que não servem mais para consumo	13	5,9

Fonte: Pesquisa de campo

Ausência de programas ou cursos voltados para a melhoria das condições ambientais da feira é outro dado que reforça o anterior, pois 87% dos feirantes afirmam nunca ter participado de tais programas ou cursos.

Outro elemento da precária condição ambiental da feira da cidade de Alagoinhas e já foi referido anteriormente, é o excessivo barulho que toma conta do local. Para os comerciantes na feira:



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Tabela 7 - Percepção do barulho pelos feirantes

Nível de barulho	Frequência	%
Tem barulho normal	97	43,9
Tem muito barulho	115	52,0
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Sobre o incômodo que o barulho causa, 40% informam sentir-se incomodado, 34,8% afirmam ter se acostumado enquanto 24,9% afirma não se incomodar. Para os feirantes, o barulho que toma conta do ambiente tem vários emissores, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 8 - Quem/o quê produz barulho na feira

Emissores	Frequência	%
Som nas barracas/boxes	83	37,6
Gritos dos feirantes	96	43,4
Rádio local	13	5,9
Freguês(a)	27	12,2
NS	2	0,9
Total	221	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

“Gritos dos feirantes” é o item que aparece com a maior frequência na tabela anterior. As observações mostraram que esse tipo de barulho tem sua concentração no setor de confecções, o maior setor da feira com 302 estabelecimentos. (Ver quadro 1). Este local caracteriza-se pela aglomeração de barracas, onde o grito é o recurso na disputa do freguês. “O Som nas barracas/Boxes” aparece em segundo lugar como emissor de barulho na feira. O som está presente, principalmente, nos bares e restaurantes localizados em vários pontos da feira. Esses locais são frequentados pela comunidade local, especialmente no sábado, como opção de lazer. O (a) freguês (a) também foi identificado (a) como fonte de barulho. Chama a atenção esse dado, pois geralmente é o feirante quem é identificado como emissor de barulho, porque é o comerciante que desenvolve estratégias verbais de apelo ao consumo de sua mercadoria. Como bem aborda Sato (2007, p.04) os feirantes [...] são *performers*. Característico da feira livre o horário da xepa imanta todos os seus significados: trabalho, comércio, beleza, brincadeira e o chamamento eloquente da freguesia”

Mas não resta dúvida que no grande “dia da feira”, o sábado, um burburinho vindo da

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

freguesia se instaura e não passa despercebido pelos feirantes.

Apesar das precárias condições ambientais, a feira é considerada por 87,3% dos feirantes um espaço onde as pessoas se divertem. Perguntado se eles próprios se divertem na feira, 67,4% responderam que sim, enquanto 32,6% consideraram que não se divertem.

O lazer é assim caracterizado pelos feirantes, que atribuem à bebida, o encontro com os amigos, o jogo e a música os principais motivos da diversão das pessoas na feira, conforme se verifica a seguir:

Tabela 9 - Como as pessoas mais se divertem na feira?

Práticas	Frequência	%
Bebendo	130	58,8
Jogando	80	36,2
Ouvindo Música	85	38,5
Encontrando amigos	132	59,7
Outra	34	15,4

Fonte: Pesquisa de campo

Em relação às suas práticas, a percepção de “se divertir” é associada pela maioria dos feirantes à sociabilidade, como se pode ver na tabela abaixo. Tal informação reforça a ideia da feira como importante espaço físico e cultural, capaz de articular as pessoas, mesmo em tempos em que a feira vai perdendo espaço para outras atividades similares.

Tabela 10 - Como você se diverte na feira

Práticas de diversão	Frequência	%
Bebendo	4	1,8
Jogando	8	3,6
Ouvindo Música	39	17,6
Encontrando amigos	128	57,9
Lendo/Assistindo TV	4	1,8
Vendendo/Trabalhando	5	2,3
Comprando	2	0,9
Outra	21	9,5

Fonte: Pesquisa de campo

O fato de estar em um espaço público, ter contato com diferentes sujeitos, tabular diversas conversas é considerada uma experiência importante para os feirantes, principalmente pelas mulheres, que têm a possibilidade de não ficarem restritas ao âmbito doméstico.

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

O setor do Beiju, com sessenta e nove estabelecimentos, por exemplo, é dominado pela presença feminina. A produção do beiju é uma ocupação tradicional na região e seu aprendizado é passado, na sua maioria de mãe para filha. Encontrou-se barracas com a presença de três gerações de mulheres: avó, mãe e neta, envolvidas no processo de produção e comercialização. A venda é percebida pelas mulheres como um momento menos árduo do ciclo das atividades de produção e venda. Um momento em que a socialização se destaca como elemento prazeroso da atividade: conhecer pessoas, conversar com diferentes pessoas.

Entre os feirantes de uma forma geral domina a percepção de que trabalho e lazer estão imbricados. O que, de certa forma, vai de encontro a uma mentalidade e prática social relacionadas ao lazer que se instaura no século XIX, com o processo de industrialização e urbanização, quando lazer e trabalho vão se constituindo em instâncias separadas. Vão sendo delimitados tempo e espaços próprios de lazer.

De acordo com Rybczynski (2000), em sociedades marcadamente agrárias, o trabalho no campo era experienciado também como lazer, já que era permeado por festas, danças. Trabalho e lazer no século XVII estavam intimamente relacionados com atividades de recreação ligadas ao local de trabalho.

Sato (2007, p.97) *apud* Thompson (1998) mostra “[...] como a disciplina do trabalho encontra como contraponto o ambiente das feiras, espaço de ócio e de lazer. Esse significado social encontra-se presente em nossas feiras livres: local de trabalho, de comércio, de sociabilidades”

Ainda na perspectiva do tempo utilizado para o lazer 89.6%, alegaram que não pratica nenhum jogo, durante a permanência no trabalho. Apenas 10,4% mencionaram realizar alguma atividade durante o expediente de trabalho. Entre os jogos, aparecem dominó, baralho, celular, leitura/palavras cruzadas e dama, como mostra a tabela:

Tabela 11 - O que joga durante a permanência na feira

Tipo de jogo	Frequência	%
Baralho	6	2,7
Dama	2	0,9
Dominó	12	5,4
Celular	3	1,4
Leitura/Palavras Cruzadas	3	1,4
Outros	5	2,3

Fonte: Pesquisa de campo



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Considerando que a música foi a segunda opção mais informada no quesito diversão, perguntou-se aos feirantes se possuíam equipamento de som nas suas respectivas barracas/boxe/lona. A maioria 69,7% informou que não tinha, ficando os restantes 30,3% afirmando possuir.

No que se refere ao lazer na feira buscou-se responder questões postas inicialmente neste trabalho: como os sujeitos se apropriam do campo do lazer? Que práticas são desenvolvidas?

Em relação à uma outra questão: que práticas que podem ser propostas visando à valorização da feira na condição de espaço de lazer? Sugere-se, retomando autores como Marcelino e Mascarenhas, que a resposta a esta questão pode ser orientada pelo pensamento dos autores.

Marcellino (2003) vê o lazer como possível instrumento contra-hegemônico, revestindo sua relação com a educação de conteúdo crítico, acreditando na união da sociedade em direção a mudanças culturais, capazes de fazer com que a experiência do lazer se torne mais rica e promotora do ser humano, possibilitando mais prazer de viver. Sendo assim, afirma que “[...] só tem sentido falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social” (MARCELINO, 2003, p. 63-64).

Mascarenhas (2003) *apud* MARCASSA (2004, p22). entende o lazer-educação como “[...] posição político pedagógica de compromisso com os grupos ou movimentos sociais mediante sua resistência e luta cotidiana por sobrevivência, por emancipação e pela conquista de um mundo mais justo e melhor para se viver”. Com isso, o autor propõe que mediante uma experiência lúdica e educativa, possa se refletir sobre a realidade que nos cerca e praticar a liberdade como um exercício de cidadania e participação social.

CONSIDERAÇÕES

Podemos sinalizar como ponto de partida, alguns aspectos que foram predominantes durante a investigação, ou seja, a limpeza precária, poluição sonora e a feira como espaço de lazer. As informações coletadas indicam que os feirantes se posicionam de forma ambígua em relação à condição ambiental, e como agentes na produção e manutenção de um espaço ambientalmente mais saudável. Além da feira ser reconhecida pelos feirantes como um importante espaço de lazer.

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

Após concluirmos os trabalhos de investigação e dialogar com os diferentes sujeitos da pesquisa, ficou a percepção da importância de estudos que possam trazer algum tipo de contribuição ao desenvolvimento do município de Alagoinhas e Território.

Cabe ressaltar que as instituições de ensino podem ter um papel significativo na melhoria das condições ambientais e de lazer, sobretudo, no aspecto da formação dos quadros de gestores, feirantes entre outros que atuam na feira da cidade.

Conforme objetivo inicialmente traçado, a produção do diagnóstico das condições do espaço físico utilizado para vendas e lazer na feira, deverá servir de diretriz orientadora de ações conjuntas no que diz respeito a um programa de educação ambiental e lazer voltado para feira da cidade de Alagoinhas, abrangendo seus diversos sujeitos.

Considera-se importante o diálogo com as entidades representativas, como a Associação dos Feirantes de Alagoinhas para que se possa avançar nas proposições. Tal diálogo pode se dar por intermédio da criação de espaços de debate e discussão sobre as políticas para a organização da feira (plenárias, fóruns, conferências etc.)

Sugerimos ações educativas que tragam melhoria nas condições ambientais e de lazer e produzam representações positivas sobre a feira. Esta, por sua vez, pode constituir-se em um espaço com maior poder vinculante de diferentes atores sociais. Transpor as significações negativas que envolvam a feira é fundamental para a valorização dessa instituição em suas diversas dimensões: econômica, histórica, cultural e identitária.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. **O jogo das trocas**. Martins Fontes: São Paulo, 2009. v 2.

FERNANDES, R. S. *et al.* O uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. In: ENCONTRO DA ANPPAS, 2, 2004, Indaiatuba. **Anais...** Belém: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2014**. Disponível em :<www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 mai. 2015.

JORNAL FOLHA DA TERRA. Alagoinhas, n 1, abril de 1984.

MARCASSA, Luciana. Lazer - educação. In: GOMES, Christianne Luce (Org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 126-133, 2004.

MARINHO, Mônica Benfica; ROCHA, Luiz Carlos. A feira da cidade de Alagoinhas - Bahia e os desafios da formação para a educação ambiental e lazer.



n. 19 (jul. – dez. 2015), dez./2015 – Movimento Epistemológico

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 2003.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. Campinas, SP: [s.n], 2005.

MOTT, Luiz. Feiras e mercados: pistas para pesquisa de campo. In: FERRETI, Sergio (Org). **Reeducando o olhar**: estudos sobre feiras e mercados. São Luís: Edições UFMA; PROIN (CS), 2000

PREFEITURA DE ALAGOINHAS. Alagoinhas: Prefeitura de Alagoinhas, 1996.

RAMOS, Valter. **Alagoinhas revista**. Alagoinhas: 2006.

TOZONI-REIS, M.F.C. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar**, n. 27, p. 93-110, 2006.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia Social**. v.19, 2007 p. 95-10. Disponível em:<<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 17 out. 2015